

SERTÃO: ESTES SEUS VAZIOS - ESPAÇO E INDETERMINAÇÃO, EM GRANDE SERTÃO: VEREDAS, DE JOÃO GUIMARÃES ROSA

SERTÃO: THESE ITS EMPTY - SPACE AND INDETERMINACY, IN GRANDE SERTÃO: VEREDAS, BY JOÃO GUIMARÃES ROSA

Edinília Nascimento Cruz¹

RESUMO: Neste artigo, buscaremos problematizar questões sobre espaço e fragmentação em *Grande sertão, veredas* tomando por base o modo tenso e ambíguo como Riobaldo organiza sua experiência, analisando as relações da personagem com o espaço. Acompanharemos a trajetória do narrador-protagonista em sua interminável busca pela verdade. A sua infinita travessia, real e simbólica, movida por fugas, mudanças inesperadas, desencontros e recomeços fazem com que o sertão, o mundo de Riobaldo, fique “à revelia”. Partindo das discussões propostas por Davi Arrigucci Jr., Carlos Garbuglio, João Adolfo Hansen de que *Grande sertão: veredas* é uma obra de sentido aberto em que há uma busca da ordenação do mundo por Riobaldo, propomos analisar na obra os elementos que permitem discutir a tese da “Nostalgia da certeza perdida”. Claudia Campos Soares chama a atenção para “impossibilidade da fixação do sentido das coisas e da linguagem” na obra, sobretudo no que se refere às dúvidas e questionamentos do narrador-protagonista. “O desejo classificatório de Riobaldo está relacionado ao que poderíamos chamar de nostalgia do centro e da certeza perdida” (SOARES, 2014, p. 183).

Palavras-chave: Grande sertão: veredas; Guimarães Rosa; espaço; indeterminação.

ABSTRACT: In this article, we discuss issues on space and fragmentation in *Grande sertão: veredas*, basing on the tense and ambiguous way as Riobaldo organizes his experience, analyzing the relationship of the character with the space. We will follow the path of the narrator-protagonist in his endless search for truth. Their endless journey, both real and symbolic, driven by escapes, unexpected changes, misunderstandings and the restarts cause the sertão, the world of Riobaldo stays "by default". Starting from the discussions proposed by David Arrigucci Jr., Carlos Garbuglio, João Adolfo Hansen that *Grande sertão: veredas* is a piece of open sense in that there is a quest for world order by Riobaldo, we propose to analyze in the work the elements that allow to discuss the thesis of the "Nostalgia of lost certainty". Claudia Campos Soares draws attention to the "impossibility of fixing of the meaning of things and of language" at work, especially with regard to the doubts and questions of the narrator-protagonist. "The qualified desire of Riobaldo is related to what we might call nostalgia of the center and of the lost certainty" (SOARES, 2014, p. 183).

Keywords: Grande sertão: veredas; Guimarães Rosa; space; indeterminacy.

¹ Doutoranda em Literatura Brasileira pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Faculdade de Letras da UFMG. ediniliabr@yahoo.com.br

1. INTRODUÇÃO

“Ah, eu estou vivido, repassado. Eu me lembro das coisas, antes delas acontecerem... Com isso minha fama clareia? Remei vida solta. Sertão: estes seus vazios.”

(Guimarães Rosa)

“Os espaços que se entreabrem, na obra de Guimarães Rosa, são modalidades de travessias humanas.”

(Benedito Nunes)

Riobaldo surge inserido no universo do sertão, espaço ambíguo e de limites indefiníveis que reflete na visão paradoxal do seu mundo, na dúvida recorrente que permeia seu discurso. Nesse sentido, o sertão e seus desertos, veredas e gerais se impõem como espaço desafiador e de difícil travessia. O sertão, em sua materialidade física, é uma territorialidade indefinida, que entra em confluência com o estado de ambivalência da personagem. Conforme diz Riobaldo, “O sertão está em toda parte” (GS:V, 2001, p. 24). O espaço empírico, por onde as personagens transitam, trazem a noção do ilimitado que também se relaciona com a perspectiva subjetiva da travessia humana. “Sertão é isto: o senhor empurra para trás, mas de repente ele volta a rodear o senhor dos lados. Sertão é quando menos se espera; digo” (GS:V, 2001, p. 302). Ao mesclar o espaço físico ao simbólico, destaca-se a pequenez do homem diante da grandiosidade do espaço.

O narrador-protagonista vive uma inevitável ambivalência, uma característica peculiar do sujeito da modernidade. Segundo Zygmunt Bauman, a modernidade é um estado de ordem e desordem em que os dramas existenciais colocam o homem em permanente indeterminação. Em *Grande sertão: veredas*, essa questão está largamente colocada. “A ambivalência, possibilidade de conferir a um objeto ou evento mais de uma categoria, é uma desordem específica da linguagem, uma falha da função nomeadora (segregadora) que a linguagem deve desempenhar” (BAUMAN, 1999, p. 9). A ambivalência é uma categoria da modernidade e evidencia a experiência do viver na descontinuidade, na dificuldade de nomear, ordenar e significar o mundo. Riobaldo, na primeira parte do romance, apresenta seu relato de forma desconexa e fragmentada e ressalta essa condição conflitante de trazer as experiências para o plano do narrar

ordenado. “Contar é muito, muito dificultoso. Não pelos anos que se já passaram. Mas pela astúcia que têm certas coisas passadas – de fazer balancê, de se remexerem dos lugares. O que eu falei foi exato? Foi. Mas teria sido?” (GS:V, 2001, p. 200).

Benedito Nunes, em *O Dorso do Tigre*, ao analisar a viagem na obra de Guimarães Rosa ressalta o espaço como ponto que aproxima a obra de Guimarães à de Cervantes e de Joyce, escritores que buscaram em suas obras equivalência entre “a abertura do espaço” e “desvendamento do mundo” das personagens:

Nesse sentido, o *Sertão* de Guimarães Rosa coloca-se no mesmo plano da Mancha de Cervantes e da Dublin de Joyce. É o espaço que se abre em viagem, e que a viagem se converte em mundo. Sem limites fixos, lugar que abrange todos os lugares, o *Sertão* congrega o perto e o longe, o que a vista alcança e o que só a imaginação pode ver (NUNES, 1969, p. 174, grifos do autor).

Riobaldo, em sua dupla travessia pelo sertão no plano físico e simbólico, enfrenta obstáculos intransponíveis, dentre eles a infindável espera por Diadorim. “Espera e demanda que se fazem no escuro, ao longo de sucessivas travessias e encruzilhadas, de viagem ligada a viagem” (NUNES, 1969, p. 174). Os grandes acontecimentos, encontros inesperados e desencontros separam e unem universos da plenitude e das grandes incertezas que entrelaçam o viver da personagem-narradora à espacialidade da obra. As dissonâncias entre a palavra e o silêncio, os vazios de certeza e os rios de dúvidas metaforizam a batalha interior e exterior. Conforme Nunes:

Riobaldo percorre os espaços que formam o espaço do mundo ilimitado. Ora encaminhando, ora desencaminhando, as veredas, divergentes em seu curso, convergem tôdas no movimento da viagem redonda, que as unifica e lhes dá sentido (NUNES, 1969, p. 174,175).

As transformações dos espaços físicos ocorrem paralelas a estágios pelos quais passa a personagem. Riobaldo mobiliza em torno de si uma série de questões que de certo modo sintetizam a maneira como a personagem percebe “o espaço do mundo ilimitado”, e se situa diante dele. Na leitura que aqui propomos selecionamos algumas passagens que evidenciam a primazia do espaço e “da viagem redonda”, que se realiza mediante a experiência do contínuo atravessar de Riobaldo.

2. A força do espaço, na topografia de *Grande sertão: veredas*

Após fazermos um levantamento topográfico em *Grande sertão: veredas*, selecionamos alguns espaços que serão percorridos no desenvolver desta análise e que serviram de palco para grandes acontecimentos na obra. São espacialidades que aparecem ligadas à segurança e paz, como o “lugar alegre” onde vivia Otacília. Por outro lado, temos as Veredas-Mortas, encruzilhada do pacto, espaço enigmático, Sucruiú, lugar infectado pela doença que remete à repugnância e ao desprezo, Tamanduá-tão, local em que se deu a morte de Diadorim e, por fim, o deserto do Liso do Sussuarão o mais ambíguo e enigmático. As peculiaridades de cada espaço percorrido por Riobaldo e as longas travessias colocam-no numa condição de incessante busca, de não fixação do sentido das coisas.

Os espaços felizes, que remetem a Otacília, surgem alinhados à dimensão da plenitude e permitem maior aproximação de Riobaldo com a vivência no universo sertanejo. O fascínio de Riobaldo por encontrar a lógica do vivido levou-o a transitar por diferentes caminhos, tais como aqueles em que conheceu sua esposa. “Moça que dava amor por mim, existia nas Serras dos Gerais – Buritis Altos, cabeceira de vereda – na Fazenda Santa Catarina. Me airei nela, como a diguice duma música, outra água eu provava.” (GS:V, 2001, 67). A alusão a Otacília remete a um espaço de harmonia e paz, uma imagem lírica: “Minha Otacília, fina de recanto, em seu realce de mocidade, mimo de alecrim, a firme presença” (GS:V, 2001, p. 205). Por outro lado, há uma desarticulação desse sentido quando Riobaldo compara Otacília a Diadorim:

Otacília, o senhor verá, quando eu lhe contar – ela eu conheci em conjuntos suaves, tudo dado e clareado, suspendendo, se diz: quando os anjos e o vôo em volta, quase, quase. A Fazenda Santa Catarina, nos Buritis-Altos, cabeceira de vereda. Otacília, estilo dela, era toda exata, criatura de belezas. Depois lhe conto; tudo tem o tempo. Mas o mal de mim, doendo e vindo, é que eu tive de compesar, numa mão e noutra, amor com amor. Se pode? Vem horas, digo: se um aquele amor veio de Deus, como veio, então – o outro?... Todo tormento. Comigo, as coisas não têm hoje e ant’ontem amanhã: é sempre. Tormentos. Sei que tenho culpas em aberto. Mas quando foi que minha culpa começou? O senhor por ora mal me entende, se é que no fim me entenderá. Mas a vida não é entendível (GS:V, 2001, p. 156).

Riobaldo refere-se a Otacília com nostalgia. Há uma manifestação da vontade de buscar o equilíbrio, porém, há um desalento ao constatar a impossibilidade de viver plenamente nesse estado, ao contrapor-se com a figura perturbadora de Diadorim. Os espaços associados à figura de Diadorim tanto se aproximam dos momentos de plenitude de Riobaldo como daqueles ligados às tormentas e profunda reflexão. Nesse sentido, a

paisagem exterior da natureza e a interior do homem se fundem numa só. As variedades de referências espaciais parecem inesgotáveis. O Tamanduá-tão é de difícil descrição. “A bem, como é que vou dar, letral, os lados do lugar, definir para o senhor? Só se a uso de papel, com grande debuxo. O senhor forme uma cruz, traceje [...]” (GS:V, 2001, p. 563). É um local de aspecto indefinido e sombrio:

Sabe, uma vez: no Tamanduá-tão, no barulho da guerra, eu vencendo, aí estremecei num relance claro de medo – medo só de mim, que eu mais não me reconhecia. Eu era alto, maior do que eu mesmo; e, de mim mesmo eu rindo, gargalhadas dava. Que eu de repente me perguntei, para não me responder: – “Você é o rei-dos-homens?...” Falei e ri. Rinchei, feito um cavalo bravo. Desfechei (GS:V, 2001, p. 155).

As sucessivas imagens da topografia do sertão se mostram tanto como cenário de vida como de morte, paz e guerra, beleza e monstruosidade, dentro e fora, aqui e lá. Os sentidos se multiplicam. É um espaço de coexistência entre realidade empírica e simbólica. O desvairamento de Riobaldo chega a um nível extremo revelando ainda mais sua interioridade fragmentada. Conforme Antonio Candido:

A planície do Tamanduá-tão se entende ao pé dos morros, delimitada e pronta para o grande combate. Plainos onde se galopa, serras **onde cavalos se arrastam**; campos cinzentos, com tapanas de palma [...]; **várzeas floridas** e povoados” (CANDIDO, 1964, p. 124, grifos nossos).

O espaço é ambivalente, realidades opostas se unificam, caos e cosmos se fundem. “A planície do Tamanduá-tão” é uma imagem que surge imersa a uma realidade pulsante reverberando a ambiguidade do sertão, cenário que abarca toda a obra e a vertência da vida no sertão.

Seguindo este percurso da leitura temos a figura do rio, categoria espacial que na obra tem grande relevância e acompanha as ações de Riobaldo. A referência ao rio, que também figura no nome da personagem, surge ligada às infinitas travessias, ao transitório, ao sentido de ambiguidade e fluidez que está infiltrado em toda a narrativa. “O senhor? Olhe: o rio Carinhonha é preto, o Paracatú moreno; meu, em belo, é o Urucúia – paz das águas... É vida!...” (GS:V, 2001, p. 43). Riobaldo faz a travessia desses diversos rios e bebe de muitas águas. O modo como narra os acontecimentos metaforiza um rio que corre desgovernado. “Consegui o pensar direito: **penso como um rio** tanto anda: que as árvores das beiradas mal nem vejo... Quem me entende? O que eu queira” (GS:V, 2001, p. 359, grifos meus). O Rio São Francisco, local em que ocorreu o inesperado

primeiro encontro entre Riobaldo e Reinaldo/Diadorim, simboliza um ponto máximo da narrativa, e espaço de travessias constantes que evidencia os medos, mistérios e a transitoriedade dos limites desse sertão:

Tive medo. Sabe? Tudo foi isso: tive medo! Enxerguei os confins do rio, do outro lado. Longe, longe, com que prazo se ir até lá? Medo e vergonha. A aguagem bruta, traiçoeira – o rio é cheio de baques, modos moles, de esfrio, e uns sussurros de desamparo. Apertei os dedos no pau da canoa. [...] Eu tinha o medo imediato. E tanta claridade do dia. O arrojo do rio, e só aquele estrape, e o risco extenso d'água, de parte a parte. Alto rio, fechei os olhos (GS:V, 2001, p. 121,122).

Ao fazer a travessia do rio, Riobaldo também realiza a travessia interior. Ao lembrar-se do encontro ocorrido no passado, mescla sensações e sentimentos do presente tornando o relato ambíguo. No momento em que a personagem narra seu relato, o espaço do plano da narrativa que remete ao passado se intercala ao espaço na narração do tempo presente. Tem-se a configuração de duas temporalidades e dois espaços simultâneos, imagens espelhadas do sertão real e imaginário.

Alguns espaços ganham maior profundidade na obra, dada a complexidade que denotam, e a associação aos limites mais opressivos da personagem. São lugares fronteirísticos, repletos de obstáculos que remetem ao sentido de indeterminação de Riobaldo nessa busca pela certeza. Dentre as diversas categorias de espaços a que Riobaldo está submetido, a encruzilhada do pacto tem sua peculiaridade. Esse espaço sintetiza o momento de maior incerteza de Riobaldo sobre a existência ou não do diabo:

Eu caminhei para as Veredas-Mortas. Vareei a quissassa; depois, tinha um lance de capoeira. Um caminho cavado. Depois, era o cerrado mato; fui surgindo. Ali esvoaçavam as estopas eram uns caborés. E eu ia estudando tudo. Lugar meu tinha de ser a concruz dos caminhos. A noite viesse rodeando. Aí, friazinha. E escolher onde ficar... (GS:V, 2001, 435).

A tentativa de capturar uma verdade torna as Veredas-Mortas um espaço intersubjetivo, a que a personagem se entrega de forma absoluta. O narrador dá uma dimensão de profundidade extrema ao lugar. É um espaço do estranhamento, do indefinível, mas, ao mesmo tempo, de esperança, de expectativa. Esse espaço de sombra reflete a condição agônica de Riobaldo e pode ser interpretado como o simulacro do seu mundo interior de difícil acesso.

3. Liso do Sussuarão – espaço paradoxal: travessia do possível e do impossível

Outro espaço que se entrelaça à narrativa e que denota enorme sentido é o deserto do liso do Sussuarão, que surge no relato de Riobaldo referindo-se a duas travessias com significados bem diferentes, embora sempre descrito como lugar infernal, desafiador. Segundo Antonio Candido: “No liso do Sussuarão há um abafamento de deserto, cuja recusa e aridez penetram nos personagens e no leitor, cerceando a vontade” (CANDIDO, 1964, p. 124).

O Liso do Sussuarão é um espaço por excelência emblemático. A travessia de Riobaldo nesse espaço direciona um movimento que vai dos gerais para os sertões. Pode-se assim dizer que esse espaço funciona como uma fronteira. Do ponto de vista da teoria do espaço, a fronteira ganha bastante representatividade nos estudos topoanalíticos. Osiris Borges Filho, no artigo “A questão da fronteira na construção do espaço narrativo”, traz algumas pontuações produtivas para análise da fronteira no texto literário. O estudioso parte dos apontamentos de Iuri Lotman, realizados no livro *A estrutura do texto artístico*, um dos poucos teóricos a abordar o espaço da fronteira. Em se tratando do texto literário, a análise da fronteira perpassa “o seu caráter de penetrabilidade e impenetrabilidade” (BORGES FILHO, 2008, p. 5). Borges filho destaca ainda que, “o espaço da fronteira é, essencialmente, um espaço paradoxal.” (BORGES FILHO, 2008, p. 8). Outro aspecto que chama atenção é a classificação da fronteira em *tensa* e *distensa*: “dá-se o nome de fronteira tensa àquela em que há tensão entre as personagens envolvidas” (BORGES FILHO, 2008, p. 10). Podemos assim dizer que o liso do sussuarão configura-se como uma “fronteira tensa”, uma vez que fica nítido que a tentativa de atravessar esse espaço expõe ao máximo o dilema de Riobaldo, diante das dúvidas que atravessam sua vida.

Dessa forma, segundo, Iuri Lotman, a fronteira no texto literário se destaca como “um traço topológico” de fundamental importância.

A fronteira divide todo o espaço do texto em dois subespaços, que não se tornam a dividir mutuamente. A sua propriedade fundamental é a impenetrabilidade. O modo como o texto é dividido pela sua fronteira constitui uma das suas características essenciais. Isso pode ser uma divisão em «seus» e alheios, vivos e mortos, pobres e ricos. O importante está noutro aspecto: a fronteira que divide um espaço em duas partes deve ser impenetrável e a estrutura interna de cada subespaço, diferente. (LOTMAN, 1978, p. 372).

Podemos assim dizer que o Liso do Sussuarão torna-se um obstáculo e uma fronteira tanto física como simbólica, configurando-se de forma complexa e fragmentada,

que “surge como uma polifonia do espaço, um jogo pelas suas diversas formas de fragmentação” (LOTMAN, 1978, p. 373). A relação que Riobaldo estabelece com a fronteira faz dele uma “personagem-fronteira”, dividido entre o possível e o impossível, o sim e o não. Borges Filho propõe ainda a classificação das personagens em “homotópica, heterotópica, politópica, utópica e fronteira.”² Dada a complexidade de Riobaldo, não é possível determinar uma categoria fixa que dê conta de classificá-lo como um tipo único. Há uma fluidez e impenetrabilidade latentes presentes do mundo interior da personagem, que escapa a todo momento. Mas podemos dizer que, na maior parte do relato, Riobaldo porta-se como uma personagem utópica. Segundo Borges Filho:

Diferentemente da personagem homotópica e da heterotópica, a utópica não possui exatamente um lugar que é o seu. Se possui, ela o deixou ou perdeu-o e jamais volta a ele mesmo que o procure incessantemente. Se volta, torna a perdê-lo ou deixá-lo. Além disso, nada consegue prender essa personagem a outro espaço, nem mesmo o amor. Quando esse ocorre, geralmente, um fato trágico acontece. [...] Ele transita de um não-lugar a outro, atravessando inúmeras fronteiras, inúmeros países, regiões desconhecidas, mas, [...], nunca chega ao seu *tópos*. O caminho é o seu não-espaço e a sua própria razão de ser.(BORGES FILHO, 2008, p.11,12).

É dessa forma que Riobaldo se porta, sempre em trânsito, em busca de algo que não se define. A personagem está sempre diante de uma empreitada que se alterna entre êxito e fracasso. O mapa do sertão torna-se uma referência fragmentada do próprio Riobaldo. O Liso do Sussuarão é um espaço fronteirístico, inóspito, que parece estar fora de todos os lugares, um espaço de negação extrema que aparece mais acentuada à primeira tentativa de travessia. Na segunda vez, há uma mudança na focalização. “O que era, no cujo interior, o Liso do Sussuarão? – era um feio mundo, por si, exagerado. O chão sem se vestir, que quase sem seus tufos de capim seco em apraz e apraz, e que se ia e ia, até não-onde a vista se achava e se perdia.” (GS:V, 2001, p. 524). Ainda que, na segunda vez que percorrem esse mesmo espaço, haja referência à paisagem ligada ao sofrimento, é possível encontrar beleza e “Ali, então, tinha de tudo? Afiguro que tinha.

² “[...] preferimos, para evitar essa dubiedade, chamar ao personagem que não atravessa a fronteira de personagem *homotópica*, isto é, uma personagem que convive em seu próprio espaço sem ultrapassá-lo. Por outro lado, àquela que, mesmo tendo um espaço próprio, atravessa a fronteira normalmente, atingindo assim o espaço do outro, preferimos chamar de personagem *heterotópica*. Quando não houver fronteira, da mesma maneira que o enredo, a personagem também será *politópica*. [...] Temos também a possibilidade de uma personagem não pertencer a um espaço específico, tenha esse espaço uma fronteira, ou não. Trata-se então de uma personagem *utópica*. Retomando o sentido etimológico dessa palavra [do grego óu ‘não’ e tópos ‘lugar’], classifica-se dessa forma a personagem que está fora de lugar, que não pertence propriamente a um lugar específico, cujo destino ‘é andar por aí’.”(BORGES FILHO, 2008, p.11, 12).

Sempre ouvi zum de abêlhas. O dar de aranhas, formigas, abêlhas do mato que indicavam flores” (GS:V, 2001, p. 524). Somente na segunda travessia que se tem em destaque as formas de vida quase invisíveis naquele deserto. “Digo — se achava água. O que não em- apenas água de touceira de gravatá, conservada. Mas, em lugar onde foi córrego morto, cacimba d’água, viável, para os cavalos. Então alegria.” (GS:V, 2001, p. 525).

São dois momentos de travessia no mesmo espaço. A primeira travessia, liderada por Medeiro Vaz, fracassa, porém, na segunda, Riobaldo transpõe os obstáculos e realiza o feito. No intervalo entre uma e outra, diante dessa investida, coloca-se uma indagação: É o espaço que se impõe ao homem, ou o homem ao espaço? Foi o espaço que se modificou, ou Riobaldo que se pôs a desafiar a natureza daquela paisagem? Entre tantas incertezas seguem as dúvidas e as dificuldades:

Como vou achar ordem para dizer ao senhor a continuação do martírio, em desde que as barras quebraram, no seguinte, na brumalva daquele falecido amanhecer, sem esperança em uma, sem o simples de passarinhos faltantes? Fomos. Eu abaixava os olhos, para não reter os horizontes, que trancados não alteravam, circunstavam. Do sol e tudo, o senhor pode completar, imaginado; o que não pode, para o senhor, é ter sido, vivido. Só saiba: **o Liso do Sussuarão concebia silêncio, e produzia uma maldade** – feito pessoa! (GS:V, 2001, p. 66, 67, grifos nossos).

Destacamos que esse espaço é trazido no contexto do romance como um local abominável e de sentido negativo. Essa espacialidade traz a referência perceptiva do espaço em que transcorre a saga. O desafio extremo ao atravessar o Liso do Sussuarão funciona como uma extensão das inquietações do espírito de Riobaldo. Esse espaço abarca a síntese da dimensão externa do sertão que se abre para o universo subjetivo. Nessa (des)integração entre o homem e a natureza, o visível e o oculto, surge a imagem personificada do sertão, com seus silêncios e maldades:

Nada, nada vezes, e o demo: esse, Liso do Sussuarão, é o mais longe – pra lá, pra lá, nos ermos. Se emenda com si mesmo. Água, não tem. Crer que quando a gente entesta com aquilo o mundo se acaba: carece de se dar volta, sempre. Um é que dali não avança, espia só o começo, só. Ver o luar alumando, mãe, e escutar como quantos gritos o vento se sabe sozinho, na cama daqueles desertos. Não tem excrementos. Não tem pássaros (GS:V, 2001, p. 50).

Impulsionado pelo desejo de Diadorim de vingar a morte do pai, Riobaldo se lança no abismo. O fracasso da primeira travessia provoca o retorno do bando e uma grande

reviravolta inicia-se por meio de uma guerra. Riobaldo, sentindo-se cansado de lutar, deseja abandonar o bando e viver em paz. No entanto, acha-se impossibilitado de tomar tal decisão por amor a Diadorim. Diante do desespero para matar Hermógenes e do desejo de vingança, Riobaldo elabora um novo plano para fazer novamente a travessia final do Liso do Sussuarão e fazer disso uma entrega absoluta de coragem e determinação. “Rasgamos sertão. Só o real. Se passou como se passou, nem refiro que fosse difícil-ah; essa vez não podia ser! Sobrelégios? Tudo ajudou a gente, o caminho mesmo se economizava. As estrelas pareciam muito quentes” (GS:V, 2001, p. 524). Riobaldo continua em permanente dúvida que se entremeia às interpelações ao seu interlocutor: “Contar seguido, alinhavado, só mesmo sendo as coisas de rasa importância. De cada vivimento que eu real tive, de alegria forte ou pesar, cada vez daquela hoje vejo que eu era como se fosse diferente pessoa. Sucedido desgovernado” (GS:V, 2001, p. 115). Embora Riobaldo não encontre “a certeza” capaz de decodificar os enigmas do mundo que o cerca, a incessante busca de respostas para esclarecer as inúmeras dúvidas e o interminável drama fazem dele um homem paradoxalmente corajoso e inseguro.

Em síntese, o sertão, espaço físico e imaginário, surge de forma emblemática e configura esse estado de ambivalência, a infinita busca de Riobaldo pela verdade. Percebe-se com essa leitura que o narrador, mesmo trazendo profundas convicções sobre a vida, esquivava-se sob o signo do possível e do impossível. Quando se coloca diante da possibilidade de encontrar a resposta para suas indagações, faz surgir uma nova dúvida que infinitamente se repete dando circularidade à obra e reforçando a condição inacabada do homem, como confirma Riobaldo em suas sábias palavras: “Mas eu fui sempre um fugidor. Ao que fugi até da precisão de fuga. As razões de não ser” (GS:V, 2001, p. 200, 201).

REFERÊNCIAS

ARRIGUCCI JR., Davi. “O mundo misturado. Romance e experiência em Guimarães Rosa”. *Novos Estudos*. Cebrap, São Paulo, n. 40, 1994.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade e Ambivalência*. Tradução Marcos Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.

BRUYAS, Jean-Paul. Técnica, estruturas e visão em Grande sertão: veredas. In: COUTINHO, Eduardo (Org.). Guimarães Rosa. Rio de Janeiro: INL / Civilização Brasileira, 1983, p. 458-477. Coleção Fortuna Crítica 6.

BORGES FILHO, Oziris. “A questão da fronteira na construção do espaço da obra literária”. In *Triceversa*, Revista do Centro Ítalo-Luso-Brasileiro de Estudos Linguísticos e Culturais. Assis, v. 2, n.1, mai-out. 2008.

CANDIDO, Antonio. “O homem dos avessos”. In: *Tese e antítese*. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000, p. 119-139.

GARBUGLIO, José Carlos. A estrutura bipolar da narrativa. In: COUTINHO, Eduardo (Org.). *Guimarães Rosa*. Rio de Janeiro: INL/Civilização Brasileira, 1983, p. 422-423. Coleção Fortuna Crítica 6.

HANSEN, João Adolfo. Forma, indeterminação e funcionalidade das imagens de Guimarães Rosa. In: SECCHIN, Antonio Carlos et al. (Orgs.). *Veredas no sertão rosiano*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2007, p. 29-49.

LOTMAN, Iuri. *A estrutura do texto artístico*. Lisboa: Estampa, 1978. MARTIN, André Roberto. *Fronteiras e nações*. São Paulo: Contexto, 1998.

NUNES, Benedito. A viagem. In: *O dorso do tigre*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1969, p. 143-180.

ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. 19. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

SOARES, Claudia Campos. “Grande sertão: veredas e a impossibilidade de fixação do sentido das coisas e da linguagem” *O eixo e a roda*: v. 23, n. 1, Belo Horizonte, 2014, p. 165-187.